

Sumário: O elenco de passagens relevantes do AT e NT oferece uma vista de conjunto dos diversos aspectos do sofrimento dos deficientes físicos. Começando com a mensagem central da Bíblia sobre a dignidade da pessoa humana, que deve ser reconhecida até mesmo nos enfermos, se aborda o fator marcante do Povo de Deus em sua organização como comunidade de fé e o interesse no indivíduo como membro nela inserido. Dois Salmos merecem destaque, porque portadores de deficiência estão presentes na liturgia e expressam suas preces na oração comunitária. Dois personagens bíblicos estão em relevo, o pai de Tobias, e Jó, em luta para superar o sofrimento. Os textos do NT abordam o problema da causalidade recíproca entre sofrimento e pecado, como também da influência do demônio na enfermidade, que Jesus soluciona com a intervenção divina através dos milagres.

Abstract: *Relevant passages from the Old and New Testament offer a comprehensive view of people from all ages suffering from some kinds of disease or disablement. At the outset the reader's attention is drawn to the central message of the Bible about the dignity of the human person which is to be upheld in spite of severe disablement. Special emphasis is given to the organization of the People of God as a community of faith and the importance given to the individual due to his membership. Two Psalms are being analyzed because disabled people are spokesmen of a dramatic appeal for recognition in the presence of the faith community. Two important figures in the Bible such as the father of Tobias and Job are quoted to illustrate their attempt to get relieve of their morbid conditions. Texts of the NT are cited as eloquent proofs to deny the origin of suffering due to personal sins and any possible influence of demons causing illness which is being demonstrated in the miracles of Jesus expelling the demons and curing the sick.*

Deficientes físicos na Bíblia

Luís I.J. Stadelmann, SJ*

* O Autor é doutor em línguas e literatura semíticas. Leciona Sagradas Escrituras no ITESC.



Introdução

Em todas as seções da Bíblia há textos referentes a doenças e enfermidades que se manifestam em todas as faixas etárias da existência humana, onde as decisões divinas se “encontram” com as humanas. Os autores bíblicos têm que falar desse assunto porque a enfermidade aponta para uma crise do paciente, que se transforma em pergunta viva, não apenas sobre as causas, mas sobre si mesmo, sobre o seu mundo imediato e sobre o sentido da vida. Ora, na Bíblia é que temos de achar a resposta a todas essas questões porque aí se encontram as doutrinas da religião da salvação e não crenças avulsas acerca de mera melhoria da qualidade de vida.

A mensagem central da Bíblia

A tarefa de Deus no Antigo Testamento e de Jesus no Novo Testamento não consiste em dar a dignidade ao deficiente físico, mas em *reconhecê-la*. A maneira de conseguir este objetivo é lançar mão de vários recursos disponíveis aos enfermos e aos agentes da Pastoral da Saúde. Antes de tudo, é dar a palavra ao enfermo, para que ele possa expressar seus queixumes a uma pessoa, ou até em público, a ouvintes ou leitores que estejam atentos às suas palavras. Em seguida, é abrir-lhe a porta de entrada ao convívio humano, evitando que ele fique relegado ao ostracismo ou recolhido num asilo, enquanto ainda estiver em condições de locomover-se. A seguir, é acolhê-lo na comunidade litúrgica, onde os fiéis valorizam sua participação na oração comunitária, cuja eficácia é tanto mais proveitosa quanto maior for a confiança que brota da boca do homem sofrido. Pois o motivo mais forte e premente para Deus vir em auxílio do deficiente físico é a exposição da miséria humana como apelo eloqüente da criatura diante do Criador. É esta a razão de os Salmos usarem a linguagem do sofrimento para expressar as súplicas na liturgia, porque a queixa tem função de apelo¹.

Para tratar teologicamente a questão da dignidade dos deficientes físicos, deve-se fazer um levantamento das passagens da Bíblia que os mencionam, emprestando-lhes voz e vez para exercerem o papel de porta-voz de tantos outros que também querem ser ouvidos. Não é aos que são

1 Cf. C. Westermann, *Os fundamentos da teologia do Antigo Testamento*, (Trd. F. Datler), São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2005, (Original alemão 1985), p. 37-38, 188-191; cf. também “O clamor dos oprimidos”, em *Concilium* / 119, 1976/9, p. 55-65.



considerados os mais dignos que devemos pedir que tratem do assunto, mas aos que pertencem, de uma ou de outra forma, ao mundo dos deficientes físicos. Os textos bíblicos que falam dos deficientes físicos não são meros retratos de pacientes que precisam de terapia, mas são personagens que manifestam dramaticamente seu estado de deficiência em público na presença da comunidade dos fiéis². Os deficientes, que são tratados em casa pelos familiares, não precisam vaguear pelas ruas e praças da cidade, nem têm que mendigar por compaixão porque, apesar de tudo, sua dignidade de pessoa humana é reconhecida pelo próprio Criador que os fez à sua imagem e semelhança. É uma imagem indelével impressa em cada um e por isso torna-o interlocutor qualificado para suplicar em oração e ser ouvido por Deus, quando fala de si mesmo e de tantos outros confiantes ou frustrados, esperançosos ou amargurados. São figuras cujo perfil é semelhante ao do Servo de Deus, descrito por Isaías, profeta do Antigo Testamento, e que o salmista adotou para estampar o semblante do Servo sofredor, servindo como prefiguração de Cristo, o Messias-Mártir do Novo Testamento.

As freqüentes citações do Salmo 22 (21) na “história da paixão” mostram que a Igreja nascente viu íntima relação entre as palavras angustiadas de Jesus na cruz e a suprema aflição deste homem sofredor. Aqui tem sua expressão mais candente a angústia humana, a tentação ao desespero e o milagre da reversão do sofrimento. Ao assumir a provação extrema de se sentir abandonado por Deus, Cristo penetrou no mais profundo isolamento humano e assumiu nosso sofrimento até o extremo. A indagação desesperada dos que mais sofrem neste mundo é conhecida por aquele no qual a bondade divina se encarnou. Sendo a morte de Cristo o paradigma do sofrimento humano, este Salmo, integrado na “história da paixão”, é representativo dos salmos de súplica. Como estes, exprime o sentir-se abandonado por Deus, apresenta os sofrimentos pela quais passa, e também as injúrias e ciladas dos inimigos. Mas difere profundamente deles enquanto omite as imprecações contra os inimigos. Tanto mais ficará ressaltada a intercessão de Cristo pelos pecadores. A ação de graças pela libertação, na segunda parte do Salmo (v. 23-32), constitui o núcleo da mensagem sobre a ressurreição, proclamada pela

2 É de notar-se que os livros bíblicos têm uma longa história desde a composição inicial até a redação final. Além disso, convém ter presente a chancela oficial que cada texto bíblico recebeu das autoridades religiosas e dos guardiães da tradição antes de ser incluído no rol dos livros canônicos em vista da recitação do respectivo texto no culto e na liturgia. Destarte, o protagonista (profeta, salmista, milagreiro, apóstolo) da narração é representante da comunidade dos fiéis do AT e NT.



Igreja nascente, que entendeu a paixão-morte-ressurreição como a decisiva intervenção de Deus na história: ao trazer-nos a salvação definitiva, libertou-nos também da angústia e do desespero³.

O fator marcante do Povo de Deus

Os textos bíblicos em pauta têm sua origem histórica no Próximo Oriente, donde as suas doutrinas se difundiram para todos os povos do mundo. Por outro lado, não faltaram para o povo de Israel os contatos sócio-culturais com outros povos e as influências de suas culturas, costumes, vida social, religiosa, que influenciaram e deixaram seus traços no povo israelita. Entretanto, houve um fator marcante que selecionava aqueles elementos provindos da civilização semita, para que não fossem assimilados e postos de lado ou até eliminados os valores essenciais para o viver e o conviver humano do Povo de Deus. O critério decisivo era e continua sendo até hoje a comunidade de fé em Aliança com Deus. Os autores bíblicos, por esta razão, valorizaram os aspectos da vida no contexto da comunidade de fé e não os padrões de vida da cultura tribal, nem os padrões da sociedade secularizada. No Antigo Testamento se ressalta a comunidade soteriológica, que tem continuidade na comunidade cristológica do Novo Testamento. O que elas têm em comum é o motivo central da vida em comum, valorizando o *sentido de comunidade*, cujo Deus tutelar está vinculado a ela pela Aliança sagrada em vista da salvação. O fator sociológico da solidariedade, na tradição religiosa da Bíblia, exerce um papel no povo como um todo, cuja implementação está nas mãos de cada família e não das tribos e dos clãs, como é o caso da organização especificamente semita da sociedade. Outro marco referencial da tradição bíblica é o *interesse pelo indivíduo*, que era considerado acima de tudo como membro da comunidade. Não devemos esquecer que o Antigo Testamento apresenta uma concepção antropocêntrica do mundo, visualizado como palco do gênero humano.

Deficientes físicos no Antigo Testamento

Comumente se trata dos casos de deficiência à luz do pecado original, aludindo-se à hipótese de sua causa ser atribuída a uma culpa moral do indivíduo. Como pano de fundo supõe-se um mundo perfeito

3 L. Stadelmann, *Os Salmos: Comentário e Oração*, Petrópolis: Ed. Vozes, 2001, p. 165-166.



com base na obra da criação a partir do cosmo, cujos elementos espaciais e telúricos estariam em perfeita harmonia. Com efeito, a Bíblia apresenta o início da criação a partir da paz de Deus e não da luta entre os deuses. É de notar-se porém que a obra da criação procede da divisão e da separação dos elementos, oferecendo-se uma perspectiva realista do mundo e não uma visão otimista⁴. Já que a Bíblia não admite a existência dos deuses, fica excluída a crença no destino cego e sua influência nefasta sobre o mundo e a humanidade. Outrossim, não se admite a ausência de Deus, em virtude da qual as criaturas ficariam entregues a si e a um destino cego. A crença num destino cego é incompatível com a fé no único Deus criador, inteligente e bom, sempre presente às suas criaturas⁵.

O início da história da humanidade é narrado na Bíblia a partir de várias rupturas entre as criaturas e o Criador⁶, precisando ser superadas para que o mundo não voltasse ao caos. Situações de ruptura do tecido social teriam seu reflexo nas doenças e enfermidades. Entretanto, essas situações não podem ser sempre atribuídas a anomalias da ordem moral. A própria natureza humana, por ser limitada, pode ter deficiências. Existem seres humanos cuja vida está continuamente relacionada com a dor, de sorte que se torna uma espécie de segunda natureza. Por isso, a Bíblia fala das pessoas que sofrem, ressaltando as circunstâncias concretas como recurso descritivo para exibir dramaticamente o sofrimento angustiante dentro da alma.

Casos concretos de deficiência física encontram-se em todos os livros da Bíblia. Veja-se o caso do contágio pela lepra, mencionado no contexto da insurreição de Miriam, irmã de Moisés, porque contestou a liderança de Moisés (Nm 12,10-15). Enquanto o castigo divino caiu sobre

4 A criação na Bíblia procede da separação dos elementos: 1. caos – cosmo (águas – terra firme); 2. céu – terra; 3. vegetação – deserto; 4. luz – trevas (dia – noite); 5. pássaros – peixes; 6. animais – homens; 7. mundo físico – mundo religioso (Gn 1,1-2,3).

5 Religiões politeístas praticadas na Ásia têm seus seguidores no mundo da cultura ocidental, por causa das terapias para evitar as causas da dor ou minorar o sofrimento. Através dessas terapias se difunde também sua filosofia de vida, como por exemplo o budismo que está eivado dum pessimismo irrestrito sobre a vida humana e a felicidade do homem.

6 As seis rupturas da História dos Primórdios, na Bíblia, são causadas pelos pecados dos seres humanos contra o Criador. I. Adão e Eva (Gn 3,12): ruptura entre esposos. Pecado de desobediência. II. Caim e Abel (Gn 4,1-15): ruptura entre irmãos. Pecado de fratricídio. III. Lamec (Gn 4,19-24): ruptura entre clãs. Pecado de vingança. IV. Gigantes (Gn 6,1-4): ruptura entre raças. Pecado de hierogamia. V. Dilúvio (Gn 6,9-7,24): ruptura entre gerações. Pecado de violência. VI. Torre de Babel (Gn 11,1-9): ruptura entre povos. Pecado de orgulho materialista. Cf. L. Stadelmann, “História da Salvação”, em *NOTÍCIAS*, N° 223, Outubro 1999, p.2-4.



Miriam, Aarão, seu irmão, saiu ileso porque era sacerdote a serviço do culto religioso em Israel.

Doenças contagiosas, citadas em Lv 13-14, incluem também simples infecções de pele, ou até manchas na roupa ou nos muros. Pelo fato de não haver meios profiláticos para evitar a contaminação e tratamento de cura, os leprosos eram afastados do convívio social e relegados a áreas desabitadas. O problema mais premente era o sustento que ficava a cargo dos familiares, já que não havia a assistência social do Estado. Na Mesopotâmia a lepra era atribuída a influências demoníacas e se tentava curar por meios mágicos.

A referência à amputação do membro viril ou testículos amassados visava os eunucos, a serviço das odaliscas de um harém, e como tais eram excluídos das celebrações litúrgicas (Dt 23,2).

O relato da cura de um leproso é digno de nota porque se trata de Naamã, o comandante sírio. Ele veio à procura de Eliseu, o profeta e milagreiro mais ilustre da Bíblia, porque dele consta o maior número de milagres dentro e fora de Israel (2Rs 5). Memorável é a atitude de Naamã de levar consigo bruacas cheias de terra para cobrir o chão no jardim de sua casa em Damasco onde se ajoelhava em oração a Deus. Além da crença no patrocínio do Deus tutelar sobre a Terra de Israel, se ressalta também a eficácia da oração comunitária dos israelitas em benefício dos fiéis em outro país. Por outro lado, o contágio da lepra em Giezi, servo de Eliseu, mostra a doença como castigo da prevaricação contra a credibilidade do profeta.

O rei Ozias na monarquia de Judá se destacava no rol das famílias reais por ter sido leproso (2Rs 15,5). Segundo o relato no livro das Crônicas (2Cr 26), a doença era castigo porque se arrogou o direito de oferecer incenso no recinto central do Templo, um gesto ritual restrito ao sacerdote em função religiosa.

A história dos quatro leprosos da Samaria ficou famosa no Povo Eleito por causa da descoberta do acampamento abandonado pelo exército dos arameus e como os leprosos se tornaram mensageiros alvissareiros em Israel (2Rs 7,3-11).

Salmo 88 (87) Súplica de um deficiente físico no Templo

¹ *Cântico. Salmo dos filhos de Coré...*

² *Ó SENHOR, Deus de minha salvação,
de dia e de noite clamo diante de ti.*

³ *Chegue à tua presença minha oração,*



- presta ouvido ao meu clamor!*
⁴ *pois está saturada de desgraças minha alma,
minha vida está à beira do abismo.*
- ⁵ *Sou contado entre os que baixam ao fosso,
sou como um homem alquebrado;*
⁶ *abandonado a mim mesmo, entre os mortos,
sou como os trucidados, que jazem na tumba,
dos quais já não te lembras,
pois estão apartados de tua mão.*
- ⁷ *Tu me depositaste nas profundezas do fosso,
nos lugares tenebrosos e abismais.*
- ⁸ *Sobre mim pesa a tua cólera
e encrespaste todos os teus vagalhões.*
⁹ *Afastaste de mim os meus conhecidos,
fizeste de mim um horror para eles.
Enclausurado, não tenho saída;*
¹⁰ *meus olhos anuviam-se de pesar.
Todo o dia te invoquei, SENHOR,
estendendo para ti minhas mãos.*
- ¹¹ *Farás, acaso, um milagre para os mortos?
Acaso as sombras se levantarão para te louvar?*
¹² *Teu amor será apregoado no sepulcro,
no reino da morte, tua fidelidade?*
¹³ *Teu milagre se tornará conhecido nas trevas,
e tua justiça, na região do esquecimento?*
- ¹⁴ *Mas eu clamo a ti, SENHOR, por socorro;
já de manhã está diante de ti minha oração.*
¹⁵ *SENHOR, por que me rejeitas,
escondes de mim a tua face?*
¹⁶ *Sou, desde criança, infeliz e enfermo;
suportei teus terrores, estou aturdido.*
- ¹⁷ *Atropelaram-me tuas iras;
teus terrores me aniquilaram;*
¹⁸ *rodearam-me como água, todo o dia,
cercaram-me todos juntos.*
¹⁹ *Afastaste de mim amigos e companheiros;
meus conhecidos são as trevas.*



Comentário

2 – *Expressão de confiança* em Deus, cuja presença um deficiente físico invoca, por ser seu Salvador. A insistência do pedido é insinuada pelas assíduas preces dirigidas a Deus.

3 – *Súplica* de atendimento da prece. O homem desolado recorre a Deus, confiante na benévola acolhida, na divina presença, para o lenitivo que só ele pode trazer a seus males.

4-6 – *Lamento* pela situação de intenso sofrimento do enfermo, cuja vida se esvai para extinguir-se em breve. A perspectiva do desenlace não consola, pois a morte prematura é sinal de rejeição divina. Delirando, no paroxismo da dor, o enfermo se vê sepultado na vala comum das vítimas de guerra, sem lápide com seu nome para lembrá-lo à posteridade. Os ceifados pela morte não são mais objeto dos desvelos de Deus, não porque subtraídos ao seu soberano domínio, e sim porque sua condição é imutável, isenta de vicissitudes, e por isso caem fora do alcance de sua providência.

7-10 – *Provações*, pungentes como as dores físicas, são os sofrimentos morais, com base nas crenças de que Deus enviaria a doença, os lutos de família, as angústias da alma, os reveses da fortuna, como castigo dos pecados cometidos. Não era conhecido, naquela época, por revelação divina, que as provações, físicas ou morais, não são causadas por Deus. Só mais tarde foi revelado que elas provêm de vicissitudes existenciais, embora por providência divina possam servir para a purificação da alma e levar à prática da virtude do heroísmo. O indivíduo que não chegou, seja por meio do itinerário da dor ou pelas práticas da promoção do bem, ao amadurecimento humano e à plenitude da espiritualidade, atribui a Deus a causa de seu sofrimento, já que a onipotência divina poderia libertá-lo. Se não o fez até aquele momento, é por causa do seu estado de pecado. Para visualizar o estado espiritual do pecador atribui-se a Deus um “rosto irado”, como reflexo da má consciência do homem. A conversão moral terá, por reflexo, um “semblante amigo”, voltando-se Deus para reconciliar-nos consigo. Por isso o enfermo apela para Deus, pedindo socorro, estendendo as mãos, num gesto eloqüente de quem pede auxílio, para mover à compaixão o coração de Deus.

11-13 – *Apelo para Deus* intervir, antes que seja tarde. É tão grave a doença, miséria e rejeição, que só um milagre poderá salvar o enfermo,



cuja morte privará Deus de um servo fiel, desejoso de render-lhe, na comunidade dos fiéis reunidos para a celebração litúrgica, o louvor agradecido. A derradeira morada dos mortos, região do silêncio, da solidão e das trevas, situa-se fora da esfera da ação divina. Portanto, querendo manifestar seu poder salvífico, Deus deverá redimir o enfermo de todos os seus tormentos, enquanto estiver vivo.

14-19 – *Prece por auxílio* divino. O enfermo reza a Deus, porque está relegado ao ostracismo, longe do convívio humano, sem o auxílio dos amigos, que dele se afastam como da sina de maldição. A prece de seus lábios une-se à oração comunitária dos fiéis, reunidos na presença de Deus, para expressar-lhe, na liturgia matinal, o louvor e a intercessão pelos desvalidos. A razão pela qual se apela à intervenção divina em favor do enfermo, sem referência ao problema do sofrimento humano, é a certeza num atendimento eficaz e seguro, porque se baseia na confiança de que Deus se inclina com tanto mais amor para os necessitados, quanto mais reconhecem as próprias misérias. Por outro lado, a petição centrada exclusivamente nas necessidades humanas, sem abrir-se ao diálogo com Deus, corre o perigo de reduzir-se a um monólogo, demasiadamente ligado às impressões do momento, prescindindo da motivação próxima da oração⁷.

Salmo 41 (40) Oração durante a enfermidade

¹ *Ao regente do coro. Salmo de Davi.*

² *Feliz quem cuida do desvalido!*

No dia da desgraça, o SENHOR o libertará.

³ *O SENHOR vela por ele e o conserva em vida,
e ele é tido, na terra, por bem-aventurado.
— Tu não o entregas à sanha dos seus inimigos —.*

⁴ *O SENHOR o assiste em seu leito de enfermidade,
— na doença Tu lhe afogas a cama —.*

⁵ *Eu disse: “SENHOR, tem piedade de mim,
cura-me! pois pequei contra ti.”*

⁶ *Os meus inimigos me rogam pragas:
“Quando morrerá e se extinguirá seu nome?”*

⁷ *Quem me visita, planeja maldade;
acumula maledicência,
fazendo, ao sair, comentários na rua.*

⁸ *Todos os que me odeiam, juntos sussurram contra mim,*

⁷ L. Stadelmann, *op.cit.*, p. 452-456.



- fazendo prognósticos funestos:*
- ⁹ “*Peste maligna o atingiu;
uma vez acamado, não mais se erguerá.*”
- ¹⁰ *Até meu aliado, em quem eu confiava,
pois comia do meu pão, contra mim levantou o calcanhar.*
- ¹¹ *Mas tu, SENHOR, tem piedade de mim e ergue-me,
para que eu lhes dê o retorno!*
- ¹² *Nisto conhecerei que te agrado:
que meu inimigo não cante vitória sobre mim*
- ¹³ *e que me sustentas na minha integridade,
mantendo-me para sempre em tua presença.*
- ¹⁴ *Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel,
desde sempre e para sempre!
Amém! Amém!*

Comentário

2a – *Exclamação admirativa* sobre aquele que pratica a caridade em favor do desvalido. Essa bem-aventurança é recitada na celebração litúrgica, para que a misericórdia divina seja fonte de conforto e amparo aos fiéis em tribulação e lhes inspire o mesmo sentimento, no desvelo pelos que não foram aquinhoados com as vantagens da sociedade.

2b-4 – *Ventura* prometida ao caridoso, quando, em desgraça, perigo ou enfermidade, se beneficiar da intervenção de Deus. A prospectiva dessa segurança na vida humana faz com que se encare com confiança o futuro incerto, valorizando-se o presente na fruição da vida como dom divino.

5-10 – *Desventura* do homem sofrido, atribuída ao pecado pessoal, à hostilidade dos inimigos e à enfermidade.

5 – *Confissão do pecado*. Ao implorar o perdão, o enfermo espera recuperar a amizade com Deus e, como manifestação do estado de graça, o completo restabelecimento da saúde.

6-10 – *Denúncia da hostilidade* da parte dos visitantes, que lhe acerbavam o sofrimento moral com previsões funestas sobre seu estado de saúde. O enfermo queixa-se a Deus da pérfida atitude de um aliado, cuja traição é comparada ao inesperado coice de cavalo. Mais do que amigo, era alguém vinculado a ele pela Aliança, ratificada pelo rito de comer pão, oferecido no momento de enunciar-se a fórmula de adesão ao estipulado.



11 – *Súplica* pela recuperação da saúde. A prece reforça-se pela promessa de invalidar o argumento dos inimigos, de que a enfermidade seria sinal da rejeição de Deus. Ao assumir o compromisso de “dar o retorno”, o enfermo quer comprovar em público sua acolhida junto a Deus, ao comparecer pessoalmente à liturgia comunitária celebrada no santuário. Trata-se de uma reabilitação moral diante dos inimigos e de uma prova de que goza da amizade com Deus.

12-13 – *Expressão de confiança* na amizade com Deus. São três os sinais do amor de Deus, sustentando sua fidelidade na fé: o primeiro é a proteção divina contra os inimigos, cujas insídias são frustradas; o segundo é a assistência divina, que assegura ao homem reconciliado sua perseverança na integridade moral; o terceiro é o acesso à liturgia celebrada na presença divina, no santuário.

14 – *Doxologia*, que a comunidade dos fiéis dirige a Deus, para ser entoada sem cessar pelo Povo Eleito. A aclamação litúrgica: “amém”, expressa anuência à prece: “Assim seja!”⁸

O sofrimento de Servo de Deus faz lembrar o do paraplégico

*“Ele vegetava na sua presença como um rebento,
como raiz em terra seca:
não tinha beleza nem formosura
que atraísse os nossos olhares,
não tinha aparência bela
para atrair os nossos olhares,
nem aspecto para que o procurássemos,
homem das dores e habituado à enfermidade;
era como pessoa de quem se desvia o rosto,
tão desprezível que não fizemos caso dele.
E nós o considerávamos como alguém fulminado,
castigado por Deus e humilhado” (Is 53,2-4).*

Servo de Deus עֶבֶד יְהוָה (*ebed Yhwh*) como figura do homem sofredor: O salmista identifica o servo sofredor no Salmo 22 (21) como “amigo de Deus” (Is 41,8), e como tal é figura representativa do Povo Eleito, passando pela provação extrema de se sentir abandonado por Deus, embora continuasse em vigor a Aliança sagrada com o povo de Israel⁹.

8 L. Stadelmann, *op.cit.*, p. 248-251.

9 Cf. os quatro poemas dedicados ao “Servo de Deus” (Is 42,1-4; 49,1-6; 50,4-9; 52,13—53,12).



O sofrimento do Servo de Deus pode ser atribuído a várias razões: 1º não por causa dos pecados próprios, 2º mas por causa dos pecados dos outros, 3º em lugar dos outros, 4º para salvação dos outros, 5º tem significado salvífico para o próprio Servo, não só em vista de sua reabilitação diante dos homens, mas também como esclarecimento do destino e do sentido de sua vida e de seu sofrimento.

Resta perguntar como o profeta chegou a tal mensagem salvífica no AT antes da soteriologia do NT? A resposta só pode ser por uma revelação ao profeta, relacionada à Aliança de Deus com seu povo, que tem como missão ser mediador da salvação divina para todos os povos e não apenas para o Povo Eleito. Essa comunidade é representada pela figura do Servo de Deus, como figura corporativa que personifica a coletividade dos fiéis. Com efeito, salvação verdadeira só existe se for estendida a todos os povos. Mas no AT era preciso fundamentar e difundir a doutrina da mediação dos dons salvíficos através da comunidade de fé, que representa a mão direita de Deus em sua intervenção no mundo e na história.

A *soteriologia* do NT tem Jesus como protagonista na figura de homem sofredor, cujo gesto culminante de doação por amor à humanidade é a aceitação da dor, sofrendo por nós. Neste sofrimento “aprendeu a obedecer” (Hb 5,7-9), vale dizer: aprendeu a condição humana que só se realiza na aceitação do desígnio salvífico de Deus. O termo “obediência” visa a dar um matiz pessoal e esperançoso, que permite superar a aceitação meramente estóica, reavivada por tantos militantes ateus hoje.

O pai de Tobias, deficiente físico por quatro anos

O livro de Tobias é um livro sapiencial do AT que tinha a finalidade de fornecer subsídios de reflexão aos agentes de Pastoral no “Curso de Noivos” daqueles tempos. Os personagens têm o papel de dramatizar um ensinamento para os noivos e suas famílias. A figura do anjo Rafael personifica a providência divina exercendo o patrocínio sobre duas famílias judaicas, cujos dias transcorriam felizes e tristes em meio às mais diversas circunstâncias de alegria e dor, ventura e desventura. O que se visa mostrar ao jovem Tobias não é propriamente a solicitude de Deus para com seus fiéis em aflição, mas a maneira de exercê-la em meio às provações, valendo-se do que parece ser uma sucessão de casualidades em função de um desígnio preestabelecido, dum segredo que só no fim será revelado. A resposta celeste a Tobit e Sara (3,16-17) por uma parte, a revelação de



Rafael (12,11-15) por outra, constituem os dois pólos da narrativa. O período de quatro anos de sofrimento pela cegueira pode ser entendido como alusão ao período de quatro gerações de fatalidade, segundo as citações na Bíblia (Ex 20,5; Nm 14,18; Dt 5,9). Importa assinalar o paralelismo de contraste entre o mérito espiritual obtido pela cegueira, suportada com resignação durante quatro anos, e a fatalidade perseguindo o delinqüente e seus descendentes até à quarta geração¹⁰. Dessa forma, o paciente se defronta com a questão de como reagir perante a situação de sofrimento. Poderia tornar-se quer excessivamente agressivo ou passivo, revoltado ou conformista, ou crescer com a situação sofrida em vez de regredir. A motivação religiosa é capaz de dar mais uma dimensão ao comportamento humano. Por exemplo, aceitar o sofrimento por ser fonte de mérito para si mesmo e para a posteridade de seus familiares. A idéia do sofrimento com *valor meritório* tem sua incidência para o bem salvífico de justos e injustos, tendo sua origem no AT (Is 53,11-12). Entretanto, o NT deu um passo em frente ao vincular o crescimento da vida espiritual aos méritos de Cristo, frutos de sua obra redentora. Se, portanto, o portador de deficiência física se motivar com a intenção sobrenatural de oferecer seu sofrimento como oblação a Deus, sua vida terá um tríplice valor, *meritório*, *satisfatório* e *impetratório*, que contribui para o progresso espiritual dos fiéis.

Jó em luta para superar o sofrimento

O tema central do *livro de Jó* não é o sofrimento em si, mas a luta por superá-lo. Como alcançar uma vida íntegra, quando a vida está se desintegrando? A vida de Jó é orientada por sua experiência singular de um sofrimento que coexiste com a inocência. Prova disso é o fato de ele bendizer a Deus apesar dos males. Deus não se lhe revela como inimigo no sofrimento. Jó defende sua inocência mais que sua vida física, porque crê ser ela que lhe permite lançar um repto ao Criador. Por certo, a dignidade da pessoa humana não se esvai pela delinqüência ou decadência moral, embora fique empanado seu brilho. Outrossim, o homem é imagem e semelhança de Deus e por isso é interlocutor qualificado diante do

10 Convém distinguir entre a virtude de resignação por motivo religioso e a atitude de resignação fatalista. Esta implica uma inércia espiritual, acompanhada de um comportamento de esquiva e de fuga, eximindo-se de todo e qualquer esforço para iniciar projetos. Em vez de responder positivamente aos desafios para buscar saídas de situações sofridas, o indivíduo cai no conformismo e alega, como subterfúgio, que sua atitude é de entrega total à vontade de Deus.



Criador. Surge um questionamento angustiante na alma de Jó, oriundo da aporia entre a bondade de Deus e a maneira de mostrar sinais de sua benevolência (Jó 10). A linguagem do livro é semelhante à diatribe grega, um discurso agressivo e querelante, como recurso literário para desafiar o leitor a tomar parte no diálogo com Deus. A propósito, o tipo de leitor que o autor do livro tem em vista é o deficiente físico que tem na figura de Jó o protótipo dos homens, cujo sofrimento conduz ao encontro com Deus¹¹.

Deficientes físicos no Novo Testamento

O sofrimento físico de pessoas ocupou boa parte do tempo, da energia, da missão de Jesus de ensinar, curar e fazer milagres. Os sofrimentos dos doentes clamam ao céu pela intervenção divina. O objetivo dos evangelistas de situar as cenas de cura na presença dos líderes judaicos é devido ao fato de eles se considerarem os donos da dignidade moral, civil, religiosa. Além disso, eles controlavam ostensivamente o comportamento de Jesus com relação aos excluídos da sociedade. É que eles negavam-lhes o direito à dignidade, convencidos de que eram deficientes físicos por serem pecadores.

O maior índice de casos de deficiência física e psíquica encontra-se nos relatos sobre endemoninhados, os “possessos do demônio”. Nos quatro Evangelhos aparecem na relação de milagres, no ministério da pregação, e na controvérsia sobre os exorcismos e as curas de doença atribuída ao demônio¹². O ponto em questão não é o confronto entre cristologia e demonologia nem a identificação dos dois antagonistas, a saber, Jesus com poder divino e o demônio (quer seja identificado como Satanás ou diabo, espírito impuro ou Belzebu) como espírito do mal. No cristianismo não há um dualismo entre Deus e o demônio, bem e mal, matéria e espírito, porque não estão em pé de igualdade¹³. As histórias

11 L. Stadelmann, *Itinerário espiritual de Jó, tradução e comentário do Livro de Jó*, São Paulo, Ed. Loyola, 1997; este livro bíblico destina-se à reflexão sobre as atividades da Pastoral de Saúde.

12 A explicação da possessão do demônio, mencionada nos Evangelhos, como doença de caráter psíquico, histeria, mania depressiva, neurose, epilepsia, esquizofrenia, é um problema falso. Para Jesus, assim como para seus contemporâneos e os evangelistas, o demônio ou espírito impuro é o verdadeiro agente do mal que oprime o homem, cf. R. Fabris, “Evangelho de Marcos”, p. 477-479.

13 A oposição entre dois reinos e duas potências: o Reino de Deus e o reino de Satanás, é mencionado na literatura extra-bíblica: no livro apócrifo da *Assunção de Moisés* (X, 1-10) e nos *Manuscritos de Qumrân*: a “Guerra entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas” (1QM).



dos exorcismos e das curas de doença, atribuída ao demônio, têm por objetivo comprovar a aceitação e a *integração social* dos endemoninhados curados na comunidade cristã. Quem os integra é o próprio Cristo, por ser uma das metas de sua obra de redenção, cuja eficácia se estende sobre o mundo inteiro: “o céu, a terra e os abismos” (Fl 2,10), isto é, o universo, tripartido em três partes cósmicas, incluindo seus habitantes: os anjos do céu; os homens da terra; os mortos abaixo da terra.

É importante assinalar a concepção semítica da Antigüidade, na qual a crença nos demônios se concentrava não só na sua existência, mas também na prevenção contra os ataques dos espíritos do reino de Satanás. Isto é, os seres do mundo espiritual, cujos âmbitos de influência no mundo físico eram precisamente os “postos avançados” como áreas de risco à vida humana por estarem subtraídas à influência de Deus. Havia quatro áreas de risco de grande periculosidade e sob a influência nefasta dos demônios: *doença, prisão, alto mar, deserto*.

No Salmo 107 (106) são mencionadas essas quatro áreas de risco em referência à intervenção de Deus vindo em auxílio dos fiéis do Povo Eleito, arrebatando-os do reino de Satanás (Sl 107,4-32)¹⁴. Quanto à designação da *prisão*, como a segunda área de risco, ressaltamos o fato de que essa área costumava ser identificada na literatura semítica antiga como sendo o *cemitério*, que foi substituído no Salmo por “prisão”, porque homem algum morava no cemitério. No NT, porém, consta a referência ao nome antigo identificando o cemitério como morada dos dois possessos de Gérasa (Mt 8,28-29 // Mc 5,1-10 // Lc 8,26-31). A cura dos endemoninhados consistiu na expulsão dos demônios da alma dos possessos. O afastamento desses intrusos nefastos tornou-se definitivo ao voltarem à outra área de seu domínio, o *alto mar*, o que tornou-se visível pelo estouro de uma grande vara de porcos precipitando-se no mar (Mt 8,30-33 // Mc 5,11-20 // Lc 8,32-39). Quanto à referência ao *deserto* como área de domínio dos demônios, remetemos à narrativa do exorcismo de um possesso surdo e mudo. No comentário explicativo dos evangelistas, consta a referência ao deserto onde os demônios estão armando ciladas aos viajantes extraviados da caravana. Saindo dos lugares ermos, esses mesmos demônios invadem as regiões habitadas em busca

14 O Salmo 107 (106) é recitado na liturgia de ação de graças pela libertação do exílio em agradecimento perene pela intervenção salvífica de Deus em favor dos fiéis. A vivência da fé no culto tem que prolongar-se até à vida cotidiana, incentivando os fiéis a serem solícitos no tratamento dos deficientes físicos de suas famílias. Cf. L. Stadelmann, *Os Salmos: Comentário e Oração*, p. 536-541.



de vítimas incautas que lhes possam servir como morada (Mt 12,43-45 / Lc 11,24-26). As outras citações do NT a respeito da cura dos possessos referem-se a intervenções milagrosas em casos de *doença*, como por exemplo a cura da filha de uma mulher cananéia (Mt 15,22 // Mc 7,24) e do surdo-mudo (Mt 9,32-34 // Mc 7, 32-37 // Lc 11,14-15). É de notar a alusão aos meios terapêuticos, como por exemplo a saliva misturada ao pó de argila que foi aplicada ao surdo-mudo (Mc 7,31-37) e ao cego de Betsaida (Mc 8,22-26). O uso deste meio pode ter o sentido de ser um gesto preparatório do milagre propriamente dito e como ato de reconhecimento público de Jesus pelo trabalho empenhativo dos agentes da Pastoral da Saúde daquele tempo. Evidentemente essa terapia foi apenas preparatória para a cura, devida unicamente à intervenção milagrosa de Jesus. O caso do exorcismo da possessão do demônio e cura de Maria Madalena (Mc 16,9 // Lc 8,2) é significativo pelo fato de sua reabilitação no convívio social e integração na comunidade cristã. Ela tornou-se uma discípula engajada no apostolado como testemunha da ressurreição de Cristo (Mc 16,9-11 // Jo 20,11-18).

Ritos de exorcismo já estavam em voga no judaísmo antes do cristianismo. A diferença entre os ritos consistia na fórmula de esconjurar o demônio. No judaísmo, os exorcistas recorriam a uma fórmula mágica para invocar a força de Deus¹⁵, ao passo que no cristianismo se invocavam Jesus ressuscitado e o Espírito Santo¹⁶. Não é de admirar-se pois que os fariseus questionassem o rito de exorcismo de Jesus que recorria supostamente a uma fórmula mágica com a invocação de Belzebu, chefe dos demônios (Mt 12,22-37 // Mc 3,20-30 // Lc 11,14-28). Nesse ponto, convém analisar o exorcismo mais de perto. Aduzimos o caso de um epilético endemoninhado, que era resistente a todas as tentativas dos apóstolos e por isso foi trazido à presença de Jesus: este expulsou o demônio fazendo-o sair “gritando e maltratando muito o menino”. É que o segredo da eficácia do rito não está na fórmula mágica nem na técnica do ocultismo ou no exorcista gabaritado, mas na força divina que se

15 Cf. Flávio Josefo, *Antigüidades Judaicas*, VIII, 2.5.

16 A partir do séc. II d.C. começou-se a tratar da glossolalia, como se pode ler nos escritos de Sto. Ireneu (140-190), distinguindo-a da recitação de fórmulas esotéricas. Os sons da fala de pessoas delirantes usavam palavras com sentido misterioso, em uso nos ritos mágicos, compreensivos apenas aos iniciados nos ensinamento esotéricos. Usavam-se de preferência nomes divinos e outros com desinência e sílabas tônicas de sons iguais ou semelhantes. Assim o nome de Jesus rimava com Tamuz etc. Cf. São Justino, *Diálogo com Trifon*, c. 85; G. Dautzenberg, “Glossolalie”, em *Reallexikon für Antike und Christentum*, XI, Hiersemann, Stuttgart 1981, col. 225-246.



precisa implorar pela oração. Quando o pai do menino começou a rezar pedindo a ajuda de Jesus, o demônio foi expulso (Mc 9,14-29 // Mt 17,14-20 // Lc 9,37-43). Aliás, a função de exorcista é atribuída pela Igreja àqueles que possuem o carisma de fazer milagres e o dom de discernir os espíritos (1Cor 12,10).

Chama a atenção do leitor o fato de que os relatos dos Evangelhos incluem os casos de possessos no rol dos enfermos. Parece ser uma situação anacrônica, porque nenhum hospital da atualidade tem um setor reservado a possessos, e muito menos o havia na Antigüidade. A resposta mais provável parece ser o motivo de as religiões pagãs atribuírem a causa da enfermidade ao demônio e por isso compete à religião cristã exorcizar essas crenças e livrar os enfermos do medo de serem vítimas do demônio. Outro fator não menos importante é a finalidade do cristianismo que não se reduz à mera melhoria da qualidade de vida, mas intenciona livrar a humanidade da influência do poder maligno através da graça de Cristo. É esta a razão de que, com a vinda de Cristo, parece ter havido um recrudescimento de possessões diabólicas naquela época como nunca na história, mas que arrefeceu a partir de então devido à dupla intervenção de Deus na humanidade, a saber, a ação de Cristo ressuscitado e a ação do Espírito Santo na Igreja e na alma dos fiéis.

Enfermidade que coexiste com a inocência

No relato da cura do cego de nascença está presente a discussão sobre a problemática farisaica: a culpa pela cegueira seria castigo por algum pecado. Mas a resposta de Jesus é categórica: “Ninguém pecou, nem ele nem seus pais”¹⁷. Com esta afirmação aconteceu uma reviravolta das concepções abstratas e teóricas sobre a questão do sofrimento, porque ela se transfere do âmbito moral para a *soteriologia*. É que a enfermidade do cego “foi para que nele se manifestem as obras de Deus” (Jo 9,3).

Por isto, os critérios de análise, tão revestidos de interesses próprios e tão bitolados pelas condições sociais, culturais e pessoais em que nos formamos, precisam ser redirecionados para o homem sofredor, cujo

17 Existe uma relação entre enfermidade e pecado, como por exemplo doenças venéreas, consequência de excessos com álcool, drogas e esportes radicais...etc. Algumas doenças hereditárias resultam de pecados dos pais ou antepassados. Quanto aos esportes radicais não incluímos as modalidades esportivas que atendem à saúde e segurança dos esportistas, mas àquelas do tipo de deformações profissionais em voga entre os acrobatas e artistas do circo.



protótipo é Cristo que exerce seu poder de Salvador não sentado num trono, mas do alto do patíbulo, para que o vejam os portadores de deficiência física. A resposta que dele esperam não é uma resposta moral, mas o reconhecimento de sua dignidade aos olhos de Deus¹⁸.

O problema da causalidade recíproca entre sofrimento e pecado foi solucionado por Jesus e foi confirmado pelo ensino e por milagres. Como conciliar, porém, a advertência de Jesus dirigida ao paraplégico deitado à beira da piscina de Siloé após ser curado: “Não peques mais, para não te acontecer coisa pior?” (Jo 5,34). O que no Evangelho de João está em pauta é a culpabilidade provinda não somente dos pecados cometidos (Jo 9,3), mas também dos condicionamentos que preparam o caminho às faltas mais culpáveis (Jo 5,34). Entre os condicionamentos costumam ser citados os inimigos espirituais, como p.ex. a tríplice concupiscência: a concupiscência da carne, dos olhos, e do espírito (cf. 1Jo 2,16-17). Destarte, convém ter presente os amplos setores tanto da moral quanto da ascese, nas quais se explicitam o significado e as exigências da práxis cristã.

É bom notar algum detalhe importante que os evangelistas incluem na narrativa da cura dos enfermos e deficientes físicos. Assim por exemplo, na cura do paraplégico (Lc 5,17-26) ressaltam-se as peripécias do traslado de um paraplégico desde seu leito até a rua e no final não restou outro jeito para chegar ao destino a não ser entrar pelo teto da casa onde Jesus se encontrava. O cenário contém uma mensagem importante para o enfermo: sair de casa e apresentar-se a Cristo sacramental na *casa de Deus*, para ali receber o auxílio divino nos sacramentos da confissão e comunhão, através da ajuda dos fiéis. É significativo também o desvelo dos serviçais, que não pouparam esforços em toda essa operação porque sabiam que ele continuaria sendo valioso como intercessor junto a Deus. Isto, porque o deficiente físico não só reza por eles, mas também oferece a Deus seus sofrimentos enquanto carrega sua cruz.

No caso da cura do doente de mão atrofiada (Mt 12,9-14 // Mc 3,1-6 // Lc 6,6-11) chama à nossa atenção o fato de que o cumprimento do amor a Deus e ao próximo exige a observância de práticas distintas. O

18 É interessante citar o critério de avaliação dos bem-aventurados no Juízo Final, quando Cristo diz: “Estive enfermo e me visitastes” (Mt 25,36). Pelo fato de Cristo identificar-se com os enfermos, que dependem da solicitude dos familiares e do próximo, se comprova que Cristo assume o fardo e a dor da humanidade. Por conseguinte, Deus está empenhado na luta contra o sofrimento através do engajamento dos discípulos de seu Filho.



mandamento do amor a Deus se cumpre, de um modo, pela observância do terceiro mandamento a respeito da santificação do dia do Senhor, que inclui o não trabalhar nesse dia (Dt 5,12-15). O amor ao próximo se cumpre no serviço aos necessitados, também aos enfermos, em casos especiais mesmo no dia do Senhor. Jesus realiza este serviço aos enfermos por milagres, mesmo no dia do Senhor. Outras pessoas, incluindo os agentes da Pastoral Social, realizam de diversas maneiras este serviço aos enfermos pela prática da assistência social ao necessitado, ao passo que Cristo o exerce por um milagre.

O milagre da mulher que sofria de hemorragia (Mt 9,20-22 // Mc 5,25-34 // Lc 8,43-48) põe em destaque o sofrimento de uma enferma por doze anos. O fator decisivo da cura é o poder divino que o próprio Jesus sente em sua pessoa como uma energia que irradia de dentro para fora, ao passo que a mulher sente essa energia ao tocar a orla do manto de Jesus. A mensagem da perícopes consiste na eficácia dos meios que proporcionam o contato com Deus. Esses meios são do tipo interno e externo: no primeiro caso trata-se da fé que se alimenta com a confiança em Jesus. No segundo caso referimo-nos às “situações-limite”¹⁹, que são atendidas por gente da área da saúde, com conhecimentos clínicos (p.ex. médicos, enfermeiros), mas também por agentes da Pastoral de Saúde, através de vários serviços, incluídos os sacramentos, também o sacramento da unção dos enfermos.

A condição prévia para o enfermo evoluir positivamente é livrar-se do medo de ficar relegado à própria sorte. À primeira vista, a deficiência física parece ser um empecilho para o relacionamento direto com Jesus. Isto não se reduz apenas ao “tocar a orla do seu manto”. Mas o amor de Jesus, acolhido com fé e confiança pelo deficiente, ultrapassa toda a expectativa.

O relato da cura da mulher encurvada ilustra a intervenção divina de Jesus no contexto de duas instituições sob jurisdição farisaica: a “sinagoga”, centro do culto e do ensino da religião judaica, e o “sábado” como dia sagrado, marcado pela observância religiosa. Entretanto, os critérios farisaicos, já fazia muito tempo, se sobrepuseram aos da religião israelita, sob o pretexto de serem sinais distintivos de identidade do judaísmo, visando-se garantir a sobrevivência da religião judaica em meio

19 A expressão “situações-limite” foi cunhada por K. Jaspers, *Philosophie II*, Berlim: Springer, 1932, p. 203. Trata-se de situações existenciais nas quais se tem de viver com luta e dor, sendo a morte a mais grave de todas.



à maioria de adeptos de outras religiões. O caráter polêmico envolveu também os fiéis da sinagoga, porque ali se infiltrou o próprio Satanás manifestado na deformação da mulher. Por isso era preciso dar prioridade às normas de instituição divina sobre as normas farisaicas, que por sinal eram inócuas na defesa contra os assaltos do demônio. O resultado da intervenção de Jesus foi a cura milagrosa para alegria do povo e vexame dos fariseus (Lc 13,10-17).

Poderíamos estender-nos na verificação de muitos outros casos de deficiência física, citados nos livros do NT para ilustrar o poder divino de Jesus e a eficácia da obra de salvação divina, como também para comprovar a dignidade de pessoa humana e sua integração na comunidade cristã. Mas isto seria privar o leitor da profunda gratificação na busca e descoberta pessoal de outros aspectos significativos nas narrativas bíblicas sobre os portadores de deficiência.

Conclusão

Uma visão de conjunto sobre o tema da deficiência física nos põe em contato com os autores bíblicos que oferecem reflexões de primeira mão através dos enfermos que falam da própria experiência. Eles não se cansam de repetir que o sofrimento só pode ser expresso de forma narrativa e simbólica, não de modo conceitual e intelectual. O NT faz uma inovação nunca dantes vislumbrada ao introduzir no centro da história da salvação a pessoa de Jesus Cristo que “tomou sobre si as nossas enfermidades e sobrecarregou-se dos nossos males” (Mt 8,17). É o “homem das dores” porque é o libertador de todo sofrimento. Nessa figura sofrida encontramos a expressão distorcida, fragmentária e parcial do “homem como imagem e semelhança de Deus”. Dessa imagem de Deus vai surgindo por associação e reflexo um quadro mais amplo, que inclui deficientes físicos e enfermos do mundo todo em busca da transformação das “situações-limite”, através da esperança na ressurreição.

Endereço do Autor:

E-mail: peluis@colegiocatarinense.g12.br